

ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM CAMPINA GRANDE/ PB: PERSONAGENS E PROJETOS. 1950-1970

ORIGIN AND CONSOLIDATION OF MODERN ARCHITECTURE IN CAMPINA GRANDE/ PB:
CHARACTERS AND PROJECTS. 1950-1970.



Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil

kakiafonso@hotmail.com



Ivanilson Santos Pereira

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil

ivanilsonrocha1@hotmail.com

1

Resumo

O artigo aborda o resgate documental que vem sendo realizado em prol da arquitetura moderna produzida na cidade de Campina Grande, no agreste paraibano, através de pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande. O objetivo é socializar e difundir alguns resultados obtidos nos estudos, trazendo à tona, nomes dos principais personagens que atuaram na cidade, entre os anos de 50 a 70, do século XX, produzindo um rico acervo de obras em suas mais distintas tipologias arquitetônicas. Justifica-se tal difusão, através desse artigo, devido aos riscos que esse patrimônio material vem passando, sendo descaracterizado e demolido, a cada dia que passa. A necessidade de sensibilizar a sociedade do valor desses bens, a fim de que esta participe ativamente das ações protecionistas torna-se fundamental. Como metodologia das pesquisas, os estudos apoiam-se em autores como Serra (2006), Gaston e Rovira (2007) e Afonso (2019), que tal como Kandinsky (1997), acredita que o edifício é um dos mais importantes documentos arquitetônicos. Realizam-se os estudos iniciais biográficos dos autores das obras, para em seguida, analisarem-se as dimensões arquitetônicas das obras, selecionadas. Como aporte teórico, apoia-se em autores internacionais e nacionais que trataram do tema da modernidade arquitetônica, bem como, em pesquisadores regionais que vêm estudando a produção moderna, conforme será visto ao longo do texto.

Palavras-chave: arquitetura. modernidade. projetos arquitetônicos.

Abstract

The article discusses the documentary rescue that has been carried out in favor of modern architecture produced in the city of Campina Grande, in the countryside of Paraíba, through research carried out by the research group Architecture and Place, linked to the architecture and urbanism course at the Federal University of Campina Big. The objective is to socialize and disseminate some results obtained in the studies, bringing to the fore, names of the main characters who worked in the city, between the years 50 to 70, of the 20th century, producing a rich collection of works in their most distinct architectural types. Such dissemination is justified, through this article, due to the risks that this material heritage has been going through, being uncharacterized and demolished, with each passing day. The need to sensitize society to the value of these goods, so that it actively participates in protectionist actions, becomes fundamental. As a research methodology, the studies are based on authors such as Serra (2006), Gaston e Rovira (2007) and Afonso (2019), who, like Kandinsky (1997), believe that the building is one of the most important architectural documents. Initial biographical studies of the authors of the works are carried out, and then the architectural dimensions of the selected works are analyzed. As a theoretical contribution, it relies on international and national authors who dealt with the theme of architectural modernity, as well as regional researchers who have been studying modern production, as will be seen throughout the text.

Keywords: architecture. modernity. architectural projects.

Introdução

O artigo aborda o resgate documental que vem sendo realizado em prol da arquitetura moderna produzida na cidade de Campina Grande, no agreste paraibano, através de pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRU-PAL, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG.

O objetivo é socializar e difundir alguns resultados obtidos nos estudos realizados pelo grupo, trazendo à tona, nomes dos principais personagens que atuaram na cidade, entre os anos de 50 a 70, do século XX, produzindo um rico acervo de obras em suas mais distintas tipologias arquitetônicas, que foram precursoras e contribuíram com a consolidação da linguagem moderna na cidade.

Justifica-se tal difusão, através desse artigo, devido aos riscos que esse patrimônio material vem passando, sendo descaracterizado e demolido, a cada dia que passa. A necessidade de sensibilizar a sociedade a respeito do valor desses bens, a fim de que esta participe ativamente das ações protecionistas, torna-se fundamental.

Como metodologia das pesquisas, os estudos apoiam-se em autores como Serra (2006), Gaston e Rovira (2007) e Afonso (2019), que tal como Kandinsky (1997), acredita que o edifício é um dos mais importantes documentos arquitetônicos. Realizam-se os estudos iniciais biográficos dos autores das obras, para em seguida, analisarem-se as dimensões arquitetônicas das obras, selecionadas.

Na análise das dimensões (AFONSO, 2019), consideram-se as questões voltadas às normativas que protegem o bem; aos estudos históricos dos atores envolvidos no processo projetual e construtivo da obra; aos aspectos espaciais do objeto, na compreensão de aspectos de seu exterior e do interior da obra; aos temas funcionais e formais, e finalmente, as questões voltadas para a conservação da edificação, com a finalidade de analisar aspectos da gestão e da conservação física dos bens, no que é referente às suas patologias.

Aporte teórico

Como aporte teórico, apoia-se em autores internacionais e nacionais que trataram do tema da modernidade arquitetônica, bem como, em pesquisadores regionais que vêm estudando a produção moderna, conforme será visto ao longo do texto.

A modernidade arquitetônica internacional foi tratada por autores como Le Corbusier (2000), Gropius (1997), Frampton (1997), Montaner (2002), Piñon (2006). O papel precursor dos pensamentos e prática desenvolvidos pelo mestre franco-suíço Le Corbusier (2000) tiveram papel fundamental no embasamento da compreensão do que era produzir uma arquitetura moderna.

Não se pode deixar de ressaltar ainda, a presença nesse processo, da escola alemã Bauhaus (GROPIUS, 1997), que através de experiências vanguardistas procurou soluções arquitetônicas para a produção de uma arquitetura em série e com qualidade, para uma Europa que tentava a reconstrução, após a primeira guerra mundial.

4

Conforme escreveu Montaner (2002, p. 82), os princípios da arquitetura moderna eram: a arquitetura como volume e jogo dinâmico de planos; a tendência à abstração e à simplificação; a utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto; a busca por formas dinâmicas e espaços transparentes, com o predomínio da regularidade, substituindo a simetria axial acadêmica; e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica.

A abstração e o racionalismo aparecem como critérios desta arquitetura, partindo ambos dos mesmos métodos redutivos da ciência clássica, ou seja, a decomposição de um sistema em seus elementos básicos, a caracterização de unidades elementares simples e a construção da complexidade a partir do simples. (MONTANER, 2002, p. 82).

No Brasil, a modernidade vem sendo trabalhada por pesquisadores vinculados ao DOCOMOMO/ Documentação e Conservação do Movimento Moderno, que através de leituras em obras clássicas como Bruand (1981), Segawa (1997), Cavalcanti (2001),

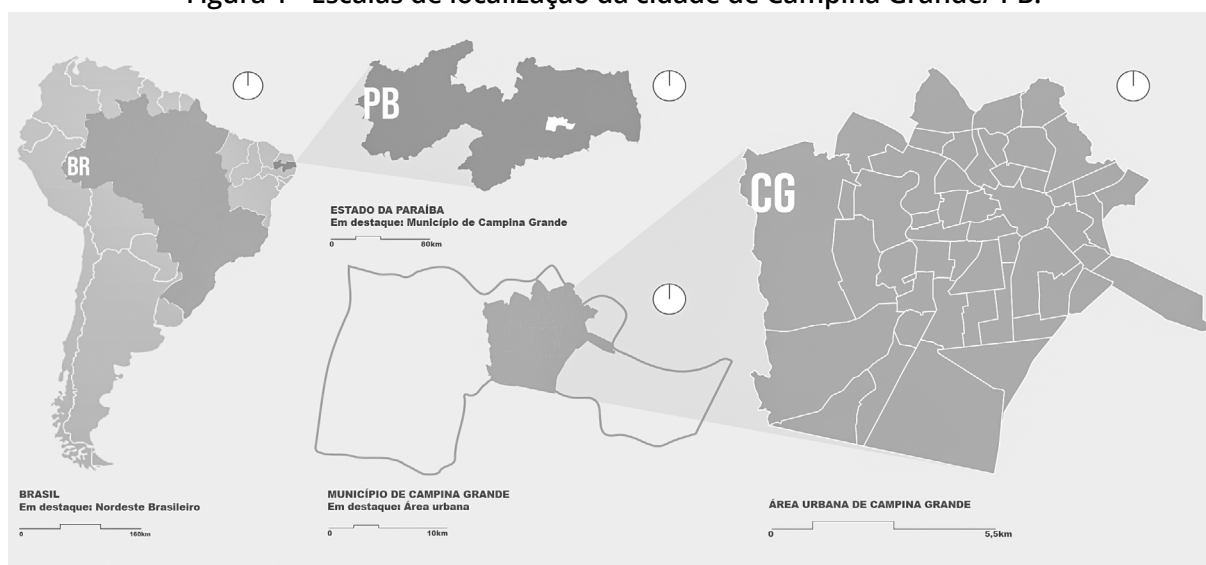
entre outros autores importantes, contribuíram na compreensão do que foi a arquitetura moderna produzida em terras brasileiras.

Os estudos regionais desenvolvidos no estado da Paraíba por Almeida (2010), Tinem e Cotrim (2014), Afonso e Meneses (2015), entre outros- também contribuíram para a compreensão das adaptações regionais à linguagem moderna, onde foi observado o conjunto de soluções projetuais e construtivas de autores/ arquitetos e engenheiros- que juntos conseguiram implantar a linguagem moderna no agreste paraibano.

A modernidade campinense

Localizada na região do Agreste paraibano, a cidade de Campina Grande (Figura 1) dista 130 km da capital estadual, João Pessoa, e encontra-se a uma altitude média de 551 metros devido a sua inserção na borda oriental do Planalto da Borborema. Popularmente conhecida como “Rainha da Borborema”, a cidade é tida como uma das principais cidades polo do interior nordestino. Lar de eventos culturais como “O maior são João do mundo”, além de possuir influência direta em quase 100 cidades da Paraíba e estados vizinhos (IBGE/2010).

Figura 1 - Escalas de localização da cidade de Campina Grande/ PB.



Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.

Com certa proximidade das capitais, onde teve uma maior influência da cidade de Recife-PE, tanto economicamente quanto arquitetonicamente através da escola de arquitetura moderna do Recife – antiga Escola de Belas Artes do Pernambuco (EBAP). Muitos dos arquitetos dessa escola tiveram significativa participação na composição da arquitetura moderna campinense entre a década de 1940 e 1980.

Nesse artigo serão tratados dois momentos, especificamente da modernidade campinense: a sua origem e sua consolidação.

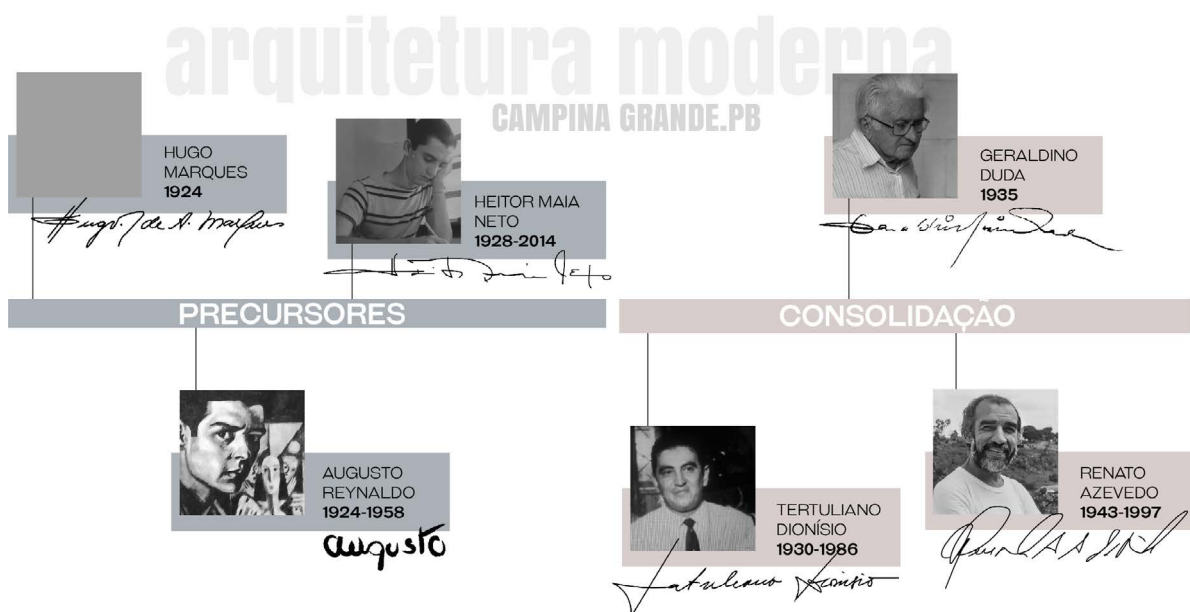
Nossa pesquisa tem avançado além desses dois momentos, mas opta-se por focar aqui, tal recorte, a fim de que se possa aprofundar em exemplos pontuais de alguns personagens e uma obra específica de cada um deles, observando-se características dessa produção.

Denomina-se arquitetos precursores, aqueles profissionais, que mesmo sem serem nascidos na cidade de Campina Grande, desenvolveram ali, um trabalho significativo e precursor no local, como por exemplo, os arquitetos pernambucanos Augusto Reynaldo, e Heitor Maia Neto; e o carioca Hugo Marques.

Esses profissionais foram os primeiros a produzir na cidade uma arquitetura moderna, logo apreendida pelo campinense e arquiteto autodidata Geraldino Duda, que consolidou na cidade tal forma de projetar e construir, executando centenas de obras que mudaram pouco a pouco a paisagem urbana com uma nova arquitetura.

Nesse processo de consolidação, outros arquitetos também contribuíram de maneiras distintas. O pernambucano Tertuliano Dionísio, que atuou bastante na área projetual institucional, e o campinense Renato Azevedo, que além de sua formação arquitetônica, adentra na área urbanística, coordenando e planejando importantes obras em escala urbana. A seguir, tem-se a composição cronológica (Figura 2) dos principais personagens que atuaram nos processos de instauração e consolidação de uma arquitetura moderna em solo campinense.

Figura 2 - Escalas de localização da cidade de Campina Grande/ PB.



Fonte: Montagem por Ivanilson Pereira, 2020¹.

Precussores

Hugo Marques (1924)

Sobre a biografia do arquiteto-licenciado carioca, mas radicado em Recife, Antiocho Hugo de Azevedo Marques, conhecido como Hugo Marques, sabe-se ainda muito pouco. Segundo pesquisas realizadas no arquivo do CAUBR/ Conselho de Arquitetura e Urbanismo- Marques nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de abril de 1924, graduou-se na ENBA, e em 23 de julho de 1954, foi registrado no CREA.

Tal falta de material bibliográfico sobre o arquiteto, nos faz constatar a necessidade de investigar mais sobre a vida e obra desse profissional, que atuou no nordeste, tanto em Recife, quanto em Campina Grande.

Afonso (2006, p.362) colocou que na década de 50 em Recife, a profissão de arquiteto ainda não possuía um reconhecimento por parte da sociedade, que contrata-

¹ As fotografias dos arquitetos são oriundas de arquivos pessoais dos mesmos ou familiares. As assinaturas foram redesenhadas a partir do registro em carimbos de documentos coletados – exceção ao arquiteto Augusto Reynaldo, com assinatura coletada em pintura de seu autorretrato.

va profissionais sem graduação na área, mas que possuíam um conhecimento adquirido pela prática, os chamados autodidatas- que receberam bastantes encomendas de trabalho, tendo como exemplo, Hugo Marques, Hélio Feijó, José Norberto, entre outros.

Observou-se na pesquisa sobre o trabalho do profissional, que ele possuía um vínculo com o empresário do ramo da construção civil, Aldemar da Costa Carvalho- industrial e ex-deputado federal de Recife, dono da maior empresa de construção do Nordeste. Em parceria com esse influente empresário, ele projetou a residência do mesmo, a famosa Casa Navio, na Avenida Beira Mar, nº 4000- e edifícios construídos pela construtora como o edifício Almare e seu anexo, que foram uma referência na época.

A casa Navio era uma referência na paisagem recifense, e foi demolida em 1981 para dar espaço a um prédio. Seu projeto se inspirou no desenho de um iate, possuindo linhas e influências do art Déco, com soluções construtivas que se pode considerar protomodernas, pelo uso de estrutura em concreto armado, adoção de janelas em fita, teto-jardim, pilotis- mesmo que ainda, utilizando-se de elementos decorativos, para se reportar à imagem náutica.

Projetou também a residência da família Rozemblitz (AFONSO, 2006, p. 362), que possuía a mais importante gravadora de discos na cidade. A casa é um exemplar harmonioso e equilibrado, que também é uma referência na produção moderna recifense, situada no bairro de Parnamirim.

Observou-se que, Hugo Marques- mesmo sem frequentar o ambiente acadêmico do curso de Belas Artes de Pernambuco, incorporou os princípios adotados naquela Escola, tais como uma nítida preocupação climática, utilizando soluções de paredes vazadas com buzinotes, uso de cobogós cerâmicos vitrificadas, esquadrias sistemáticas em madeira, com persianas; emprego de pátio interno, além da elevação da casa do solo, possibilitando no conjunto uma considerável melhoria climática.

Sua trajetória na cidade de Campina Grande foi de grande importância, confor-

me escreveu Meira e Afonso (2016), pois se pode afirmar que ele foi um dos precursores em projetos de edifícios em altura, no bairro central da cidade, projetando ali, as três edificações mais altas no núcleo histórico central: o Edifício Rique, de 1957, que marcou o início da verticalização na cidade; o Edifício Palomo, de 1962; o Edifício Lucas, de 1963. Todos adotaram a linguagem moderna e se distinguem da maioria das edificações do entorno, que eram em estilo Art Déco.

Pode-se afirmar que Marques adotou nestes projetos, alguns dos princípios presentes na Escola do Recife (AFONSO, 2006), entre eles: a estruturação e ordenação das plantas- no que diz respeito ao controle da modulação, tramas ordenadoras e à resolução de programas; as possibilidades estruturais empregadas pelas mesmas; a atenção dada ao detalhe de escadas e rampas; as soluções climáticas adotadas em planta, na implantação e uso de blocos, no uso de pátios e terraços.

Além disso, observou-se a busca em soluções climáticas que interferiam na volumetria, podendo-se aqui destacar pontos resultantes que se converteram em constantes projetuais, tais como os arremates em concreto envolvendo e protegendo as esquadrias externas; o uso de revestimentos cerâmicos nas fachadas, protegendo-as das intempéries; os fechamentos de paredes através de esquadrias detalhadas em madeiras vazadas, ou de elementos fixos, como brises, cobogós, buzinetes, e para-peitos ventilados.

Sobre estes três edifícios, que foram responsáveis pelo início do processo de verticalização na cidade, Almeida (2010, p. 151) os analisou, realizando um resgate documental, que necessita, entretanto, um maior aprofundamento analítico, mas que trouxe à tona a importância dos mesmos para a realização de estudos sobre a transformação do cenário urbano local. Inclusive, a autora chama a atenção para a necessidade de se realizar um estudo sobre a produção do profissional, pois muitas questões ainda estão em aberto, sobre sua biografia e obra.

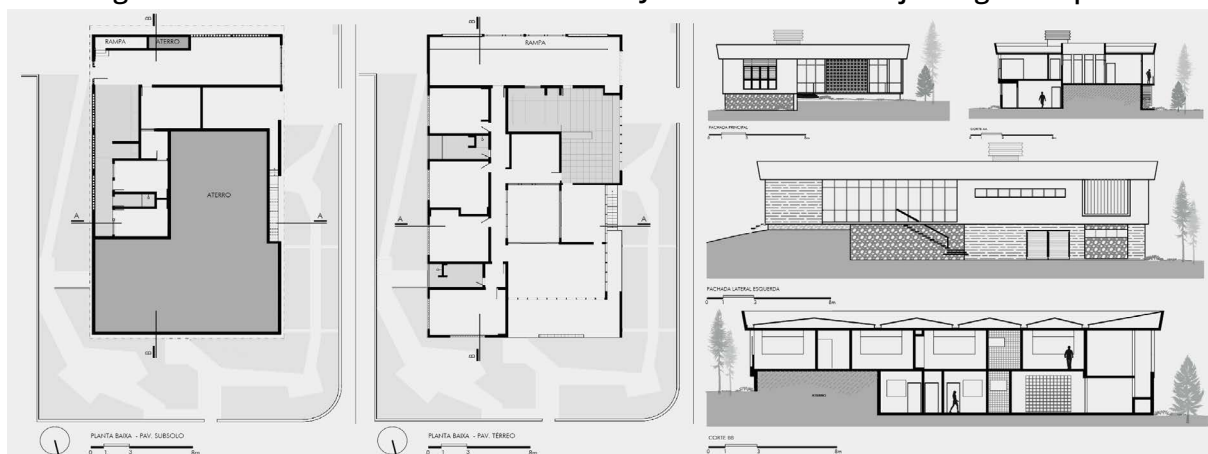
Queiroz e Rocha (2006, p. 11) também citaram as obras de Hugo Marques ao escreverem sobre a modernidade campinense, e o papel das mesmas, numa tipologia de uso misto, que reunia em um só edifício, setores de habitação, serviços, comércio

e lazer- numa cidade que aspirava pela modernidade e pelo progresso.

O que se pode observar ao revisitar as obras do profissional, é que sua produção foi intensa na cidade de Campina Grande, durante quase duas décadas, os anos 50 e 60 do século XX- sendo responsável por edifícios de grande porte, e que neles estavam envolvidos profissionais importantes da indústria da construção civil na cidade, como o engenheiro Lynaldo Cavalcanti, que calculou alguns de seus projetos; e construtoras, como a do engenheiro Edson do Ó, entre outros.

Para os projetos de tipologia residencial, cabe destaque a residência João Felinto de Araújo. GARCIA (2018, p. 125) escreveu que quanto à história desta edificação, “sua construção foi solicitada em abril de 1962, pelo comerciante do ramo de embalagens plásticas, João Felinto de Araújo”. O projeto (Figura 3) foi encomendado ao Hugo Marques e aprovada pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, possuindo 591 m² de área construída, tendo o pavimento inferior 187m² e o superior 404m² de área. O engenheiro responsável pela obra foi Nilton de Almeida Castro.

Figura 3 - Desenhos técnicos da residência João Felinto de Araújo. Hugo Marques.



Fonte: Redesenhos 2d e reconstrução 3d (Ezequiel Dantas, Gabriel Leão, Rafaela Sander, Roberta Rodrigues)/ Edição e ilustração (Ivanilson Pereira), 2020

De acordo com depoimento de dona Doura, viúva de João Felinto e proprietária da residência, foi dada ao arquiteto total liberdade em relação ao projeto e escolhas de materiais, e que esta era considerada a “menina dos olhos de Hugo”.

Quando se compara à sua produção recifense, como a Casa Rozemblitz, por exemplo, observa-se a linha do arquiteto, em soluções que nos remetem à obra do mestre carioca Lúcio Costa, no projeto da Casa Saavedra. A solução do tratamento das esquadrias, o “espalhamento” da solução da planta baixa, o uso de pátios internos, a elevação da casa do solo, a materialidade, enfim, foram elementos muito presentes em toda a produção moderna nordestina, e muito influenciada pela Escola Carioca. (AFONSO, 2006).

A construção permanece até os dias atuais como moradia da família Felinto, e de acordo com a proprietária, quando é necessário algum tipo de manutenção, esta é realizada por profissionais que não descaracterizam o imóvel.

Augusto Reynaldo (1924 - 1958)

Augusto Reynaldo Alves nasceu na cidade de Palmares, zona da mata sul de Pernambuco, no ano de 1924. Faleceu precocemente de um acidente aéreo, no ano de 1958, aos 34 anos de idade, quando realizava um voo no trajeto entre Recife/ Pernambuco e Campina Grande/ Paraíba para acompanhar obras na cidade paraibana.

Desde jovem, se dedicou à pintura e à arquitetura, e se graduou em arquitetura em 1956. Trabalhou como desenhista do arquiteto autodidata Heitor Maia Filho, pai do seu colega de profissão, Heitor Maia Neto. Estagiou no Departamento Nacional de Portos e das Navegações do Porto do Recife. Na área de artes plásticas, atuou como pintor e antes de cursar arquitetura, em 1947, passou uma temporada em Paris, se aperfeiçoando, e quando retornou, ingressou em 1951, no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP (ALMEIDA, 2010, p. 103).

Como artista plástico, participou em 1948, da fundação da Sociedade de Arte Moderna do Recife, entidade de afirmação e divulgação das artes plásticas e dos artistas modernos (QUEIROZ E ROCHA, 2006, p. 6).

Ao cursar a EBAP foi aluno dos professores catedráticos Evaldo Coutinho (Teoria da arquitetura); José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo (História da arte);

de professores interinos como Antônio Bezerra Baltar (Urbanismo e Arquitetura paisagística), Ayrton de Almeida Carvalho (Arquitetura no Brasil) e de professores das disciplinas de grandes composições, como o arquiteto carioca, Acácio Gil Borsoi; de pequenas composições, que tinha à frente o português Delfim Amorim; do italiano Filippo Melliá, que ensinava composição decorativa; do engenheiro Jaime Gusmão Filho, na disciplina de sistemas estruturais.

Observou-se uma estreita relação profissional entre Augusto Reynaldo com o professor Ayrton de Almeida Carvalho, pois além de ser seu instrutor (atualmente equivalente a função de monitor) na disciplina de Arquitetura no Brasil, estagiou com ele, também, como desenhista do IPHAN, órgão dirigido pelo professor na época (ALMEIDA, 2010, p.103).

Queiroz e Rocha (2006) escreveram sobre sua experiência profissional enquanto estudante de arquitetura:

O início da sua carreira foi como desenhista do tio, o arquiteto Heitor Maia Filho. Posteriormente, exerce uma mesma função no escritório de Delfim Amorim e durante a graduação, no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco, foi aluno de Acácio Gil Borsoi. Formou-se em 1956, aos 32 anos, ocasião em que já atuava na profissão (QUEIROZ E ROCHA, 2006 p. 6).

Mesmo sem estar graduado, conforme foi constatado na citação acima, projetou várias obras, mas que sem poder assinar ainda como profissional, realizava parcerias com colegas que realizavam os trâmites burocráticos:

Embora diplomado a pouco mais de um ano, era na realidade já um grande arquiteto, no melhor sentido da palavra, pois tendo se dedicado desde os primeiros dias de sua mocidade à pintura e à arquitetura, sem jamais ter assinado um único trabalho antes de se formar, fora na verdade o autor de um sem número de boas obras (grifo da autora), tendo emprestado a todas elas a marca indelével de sua personalidade, traduzida pelo bom gosto artístico e seu reconhecido gênio arquitetônico (LIMA,

1985, p. 142).

Em Campina Grande, sua produção foi estudada inicialmente por Queiroz e Rocha (2006), por Almeida (2010), e a partir de 2015, pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da UFCG, que vem resgatando a documentação, através de inventários, redesenhos projetuais, análises arquitetônicas, da produção moderna campinense.

Sobre a relação existente entre a produção arquitetônica campinense e a cidade de Recife-PE, Almeida (2010), observou em seus estudos que Augusto Reynaldo foi um dos pioneiros a articular essa ponte profissional, abrindo caminhos para profissionais tanto da arquitetura, como das artes plásticas, produzirem trabalhos na cidade, trazendo para Campina Grande, o debate de modernidade que ocorria na Escola do Recife (AFONSO, 2006).

Almeida (2010, p. 126) apontou para algumas características sempre presentes em suas obras residenciais campinenses que apresentam: "...a clareza das plantas e da setorização; a nitidez da relação desta com a volumetria e a elegância plástica. Observando-se ainda um domínio técnico, boa solução dos programas em plantas, criando espaços ricos e acertadas soluções de conforto térmico".

Sem dúvida, os princípios projetuais empregados por Reynaldo eram resultantes de sua formação e atuação profissional recifense, e é patente em suas propostas residenciais desenvolvidas na cidade de Campina Grande, as influências de casas projetadas por Delfim Amorim (Casa Miguel Vita, de 1957) e por Heitor Maia Neto (a casa Torquato Castro, de 1954), ambas estudadas na tese doutoral de Afonso (2006). Ao se comparar as propostas desenvolvidas, por exemplo, para a Casa Wanderley, em Campina Grande, se observa imediatamente tal influência.

A sua atuação na cidade de Campina Grande durante a década de 50, esteve associada ao desenvolvimento de cinco projetos residenciais para médicos e comerciantes locais. A residência Vieira e Silva (Figura 4) era o único exemplar ainda existente até março de 2017, quando foi abruptamente demolida.

Figura 3 - Desenhos técnicos da residência Vieira e Silva. Augusto Reynaldo.



Fonte: Redesenhos 2d (Camilla Meneses)/ Reconstrução 3d (Diego Diniz e Julia Leite)/ Edição e ilustração (Ivanilson Pereira e Vitória Catarine), 2020.

A residência foi cenário da forma de viver da classe alta campinense, com espaços destinados à vida social no pavimento térreo, com área de apoio para festas e reuniões, com um belo jardim, que proporcionava um diálogo entre exterior e interior.

14

Muito bem detalhada, com painéis e acabamentos que valorizavam o espaço, a casa com o passar dos anos perdeu sua função residencial, sendo alugada, e finalmente, demolida durante o processo de tombamento que tramitava no IPHAEP/ Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

Heitor Maia Neto (1928-2014)

Heitor da Silva Maia Neto nasceu em Recife em 12 de outubro de 1928, filho de Heitor da Silva Maia Filho e Marta de Castro Maia. Faleceu em Recife, no dia 29 de dezembro de 2014, aos 86 anos, vítima de complicações respiratórias durante uma cirurgia.

Seu pai foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Recife, tendo se empenhado ao máximo para montar na cidade o curso de arquitetura, pois apesar de não ser graduado na área, exercia a profissão de arquiteto na cidade, tendo sido responsável por um grande número de obras.

Era também, amigo de vários artistas e intelectuais locais, como Mário Nunes, Baltasar da Câmera, Bibiano. Desta maneira, Heitor Neto cresceu em um meio familiar que o fez despertar para a carreira de arquiteto, fazendo com que optara por cursar arquitetura, ingressando em 1948 na EBAP. Um pouco antes de seu acesso à Escola, seu pai havia falecido, deixando um grande vazio na vida de Heitor, que teve em seu professor Mário Russo, o incentivo que necessitava para continuar com seus planos profissionais.

Heitor era conhecido por desenhar muito bem, e sempre foi um bom aluno, despertando a atenção de Russo, que desde os primeiros contatos, percebeu o interesse daquele jovem estudante. Assim, o convidou para trabalhar como desenhista a partir de 1948 no ETCUR/ Escritório Técnico da Cidade Universitária do Recife, colocando-o como chefe do setor de desenho em 1949, e contratando-o definitivamente como arquiteto a partir do ano de 1952, quando Heitor graduou-se em arquitetura.

Heitor recebeu uma influência direta do pensamento e prática profissional do mestre italiano, fazendo com que o arquiteto considerasse Russo seu grande mentor e orientador profissional, pois além da oportunidade de atuar no ETCUR, o convidou para ser professor assistente da disciplina de pequenas composições arquitetônicas na EBAP, além de indicá-lo para realizar curso de seis meses na Universidade de Sorbonne, Paris, proporcionando-o uma viagem por países europeus que produziam obras modernas.

Heitor em seu trabalho no ETCUR mantinha constantes viagens à cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de receber orientações a respeito dos projetos que desenvolvia para o campus universitário, e por isto, teve a oportunidade de presenciar o desenvolvimento da Escola Carioca, com obras que o marcaram bastante, como as produzidas por Niemeyer, Reidy, Sérgio Bernardes, Jorge Moreira, entre outros.

Sempre atento e informado do que se produzia no país naquela época, Heitor buscava em seus projetos, introduzir elementos plásticos modernos aplicados pelos arquitetos cariocas à arquitetura recifense, adicionando a estas obras, soluções de plantas racionalistas (influência de Russo) com um toque pessoal ao propor sistemas

construtivos criados pelo próprio arquiteto.

Assim, sua atuação como arquiteto nos anos 50, começou com o trabalho desenvolvido no ETCUR tendo participado de projetos para os edifícios da Faculdade de Medicina (1949), do Hospital das Clínicas juntamente com Russo, Gadelha, Mauricio de Castro, Reginaldo Esteves. Estas obras desenvolvidas sob o comando de Russo fizeram com que Heitor absorvesse várias influências do mesmo em seu processo projetual, partindo sempre de uma malha de retículas, uma modulação estrutural, uma atenção especial ao detalhamento arquitetônico para solucionar esquadrias e coberturas.

Também aprendeu com o mestre napolitano, a buscar soluções climáticas para a sua arquitetura, empregando elementos como buzínates – pequenos círculos de aproximadamente 15 cm, arrematados em acabamento de louça; e outras soluções tais como paredes que não tocam o teto, ou mesmo, paredes compostas por tubos metálicos verticais que vedam os espaços, mas permitem a circulação constante de ar.

Os projetos de concursos dos quais participou, como o da Biblioteca Popular de Casa Amarela de 1952, no qual ganhou o primeiro lugar, e do Monumento aos heróis da Segunda Guerra no Rio de Janeiro de 1956, que obteve o segundo lugar, foram também fundamentais para sua afirmação profissional, bem como, o projeto desenvolvido para o edifício multifamiliar 13 de Maio.

Sobre seu processo projetual, Amorim (2002) colocou que:

Heitor concebe desenhando a instrumento ou em papel milimetrado, e suas soluções são meticulosas, bem calculadas, ratificam sua formação tecnicista. Concebendo primeiro a planta como mandatária do processo da concepção, cujo volume é resultado de um peculiar domínio do sistema estrutural associado à linguagem vigente do estilo internacional (AMORIM, 2002, p. 81).

Para a implantação da proposta no terreno, elaborava uma retícula modulada, considerando também, a orientação climática que o levava a setorizar as distintas

zonas, de acordo com a necessidade de insolação e ventilação das mesmas. Para ordenar o programa à planta, trabalhava sempre que possível com a articulação espacial, o jogo de planos através de desníveis, e a busca de espaços transparentes conseguidos através do uso de panos de esquadrias de vidro e persianas de madeira.

Recebeu a influência de seus companheiros de trabalho, como a do arquiteto e professor Delfim Amorim, que foi seu sócio entre os anos de 1963 a aproximadamente 1969, desenvolvendo vários projetos para a cidade de Recife. (AFONSO, 2006).

Sua atuação em Campina Grande esteve associada a criação de um setor de ensino para Antiga Escola Politécnica da Universidade da Paraíba (Figura 5), que foi a primeira instituição de ensino superior (06 de outubro de 1952) de Campina Grande, onde funcionava em imóveis alugados (TORRES, 2010).

Figura 5 - Desenhos técnicos da antiga Escola Politécnica da Universidade da Paraíba.
Heitor Maia Neto.



Fonte: Redesenhos 2d e reconstrução 3d (Wilson Valmir)/
Edição e ilustração (Ivanilson Pereira), 2020.

A partir de 1958, iniciou-se o processo de aquisição do terreno para a construção de um edifício próprio (RIBEIRO, 2018), no bairro de Bodocongó, em área doada pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT). No ano seguinte, vários arquitetos nordestinos concorreram com estudos para o prédio, sendo Heitor Maia Neto, o arquiteto selecionado para apresentar uma proposta final. Do projeto original aprovado, somente o edifício destinado ao setor administrativo e parte

da área de ensino- foi construído, com área coberta de 2.641,30m².

O projeto arquitetônico foi iniciado no ano de 1959, de acordo com os carimbos das plantas existentes no Arquivo Municipal de Campina Grande/ AMCG, aprovado em 1960 pelo DVOP/ PMCG, sendo a obra concluída, em parte, em 1961. Nos anos seguintes, a Escola foi incorporada, inicialmente, pela UFPB, em 1970; e anos depois- em 2002, se incorporou ao campus sede da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG

A Consolidação

Tertuliano Dionísio (1930-1983)

Tertuliano Dionísio da Silva foi um arquiteto pernambucano que nasceu em Olinda, no ano de 1930, e faleceu de uma embolia pulmonar no ano de 1983, aos 53 anos, quando visitava obras na cidade de Campina Grande, acompanhado de seu filho Tertuliano Filho.

Foi aluno da chamada Escola de Recife – antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, podendo ser assim considerado “discípulo”, pois seguiu e deu segmento às aprendizagens recebidas através de seus mestres/ professores, levando dessa forma, tal experiência para as suas práticas individuais. Como visto, sua formação acadêmica teve o nome dos arquitetos e professores Mario Russo, Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, entre outros.

A Escola de Belas Artes de Pernambuco, em Recife-PE – criada em 1932 por artistas que queriam um local de preparação artística no nível da até então reconhecida Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi uma das grandes precursoras na construção de um novo pensamento artístico e intelectual em meados do século XX.

Conseqüentemente responsável pela formação de profissionais a serem inseridos em uma onda modernizadora que predominava em todo o país desde o final do século XIX, impulsionada pela então política do Estado Novo difundida por Getúlio Vargas, onde emergia a necessidade de progresso e

modernização nacional, onde as cidades eram palco e ao mesmo tempo “experimentos” para a aplicação de uma nova visão de arquitetura, apresentando tensões entre o que era novo e antigo, progresso e reação, vanguarda e retaguarda. (PEREIRA, 2019, p. 05).

A conjuntura da produção resultante desse período contribuiu na formação de um vasto acervo de obras modernas em cidades do Norte e Nordeste brasileiro, onde as construções não apenas compõem o cenário urbano, mas também, representam a dedicação de arquitetos inovadores que se negaram a “importar” modelos vindos da Europa e buscaram adaptar seus projetos com soluções voltadas ao clima, às necessidades e à cultura local (AFONSO e MENEZES, 2015, p. 07).

Com isso, a trajetória profissional de Tertuliano Dionísio em terras campinenses teve início por intermédio da construtora “Edson de Souza do Ó Ltda”, que obteve grande importância no segmento da construção civil em Campina Grande nas décadas de 50 e 60, sendo de sua responsabilidade a construção de unidades fabris da Wallig Nordeste S.A., Indústria Muller, entre outros.

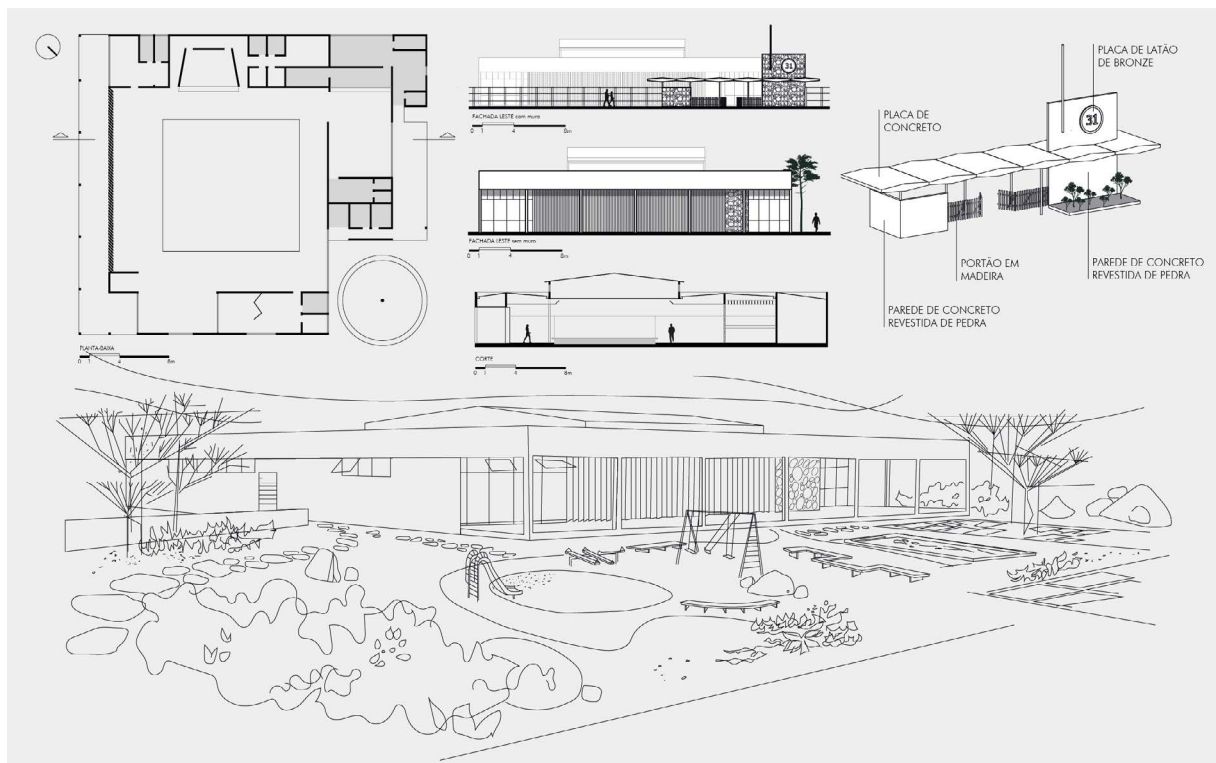
O constante convívio e as boas relações de sociabilidade que estabeleceu com o Sr. Edson do Ó e seu irmão Edvaldo do Ó, acabou por aproximar Tertuliano do canteiro de obras na cidade de Campina Grande, ao mesmo tempo, que tornava-se o “arquiteto da família” (AFONSO, 2020). Essa aproximação ainda possibilitou a Tertuliano a realização de uma viagem de aproximadamente dois meses para a Argentina, a fim de estudar as técnicas aplicadas com o concreto armado, que posteriormente seriam de grande valia para o desenvolvimento e compreensão das estruturas de seus projetos institucionais para a cidade de Campina Grande.

A atuação de Tertuliano Dionísio em Campina Grande através de suas constantes relações com o setor privado levou-o a projetar algumas tipologias específicas para determinadas segmentos sociais da época, a exemplo dos Clubes. A consolidação e difusão das tipologias de clubes na cidade representou uma nova vertente de reconhecimento e apropriação por parte da elite campinense, através da oferta de atividades de lazer, cultura, recreação entre outros, onde geralmente não possuíam

acessibilidade para a sociedade em geral.

Tais edifícios apresentam como critérios projetuais, planta-baixa racionalizada através de uma modulação arquitetônica e estrutural ordenada, transparências espaciais com o ambiente externo através de soluções permeáveis, bem como, agenciamentos paisagísticos orgânicos dialogando e relacionando-se com os blocos e áreas de lazer dos clubes. São de autoria de Tertuliano Dionísio em Campina Grande, o Clube do Trabalhador/ 1962, o Campinense Clube/ 1963 e o projeto para o Aliança Clube 31/ 1964 – demolido no início dos anos 2000. (Figura 6).

Figura 6 - Desenhos técnicos do Aliança Clube 31. Tertuliano Dionísio.



FonteRedesenhos 2d (Lucas Jales)/ Reconstrução perspectiva original (Ivanilson Pereira)/
Edição e ilustração (Ivanilson Pereira), 2020.

Importante frisar, que através da ligação com Edvaldo do Ó (secretário municipal de Educação vigente), coube a Tertuliano Dionísio a construção de edifícios do campus sede da Universidade Federal de Campina Grande, tais como: a Biblioteca Central/ 1977 e o protótipo para os blocos administrativos do setor C - pertencente ao

Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) do campus/ 1977.

Tertuliano também foi o responsável pelo agenciamento paisagístico que abriga o monumento “os pioneiros da Borborema”, localizado às margens do Açude Velho – bem paisagístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), principal cartão postal e importante referência na paisagem urbana da cidade.

O monumento homenageia o 1º centenário da cidade, no dia 11 de outubro de 1964, as três esculturas que o compõem são de autoria do artista plástico pernambucano José Corbiniano Lins e retratam personalidades que construíram a história e a cultura da cidade: o índio (conquista), a mãe (acolhimento) e o tropeiro (resistência).

O desenvolvimento do projeto para o Parque do Centenário - como comumente era chamado o local projetado por Tertuliano para abrigar as três esculturas, um museu histórico e um espaço de lazer, conferiu ao profissional o título de “Arquiteto do Centenário”.

Tertuliano estendeu seu legado na cidade de Campina Grande através da construção de um vasto repertório arquitetônico, desde edifícios institucionais a inúmeras residências que ajudaram a engrandecer a arquitetura moderna na cidade. Cabe salientar, que sua produção abrange ainda as capitais Recife/PE e João Pessoa/PB, onde assinou boa parte de seus projetos. Em suas obras, o arquiteto buscou sempre alinhar os critérios projetuais da modernidade arquitetônica as soluções e técnicas construtivas propostas, herdadas em seu berço de formação na Escola do Recife.

Tertuliano também dialogava com as artes plásticas, contando com a presença de painéis e esculturas. O arquiteto convidou artistas plásticos de grande peso no cenário nacional, para enriquecerem seus projetos, tais como Lula Cardoso Ayres e Corbiniano Lins. Outra singularidade é a atenção com a topografia do lugar, sempre que possível o arquiteto tira proveito dos desníveis do terreno para desenvolver o programa de necessidades em volumes de diferentes níveis.

Geraldino Duda (1935)

Nascido em Campina Grande, em março de 1935, Geraldino Pereira Duda é filho de Antônio Pereira Duda e Vitalina Pereira Lima. Durante sua infância residiu com sua família em diversas cidades do Nordeste brasileiro, até se estabelecerem definitivamente na cidade de Campina Grande. Quanto as práticas profissionais de Geraldino, desde os nove anos de idade, contribuiu como “caderneiro” e “apontador” para uma fábrica de tecidos na cidade de Rio Tinto-PB. Retornando a Campina Grande, passa a trabalhar com Arthur Monteiro em uma oficina mecânica, enquanto retoma e conclui seu estudo em nível secundário pelo Colégio Pio XI.

O primeiro contato com a linguagem arquitetônica moderna para Geraldino, se deu quando este ainda era criança, por meio da leitura de revistas. Foi através das publicações que ele tomou conhecimento de obras como o conjunto arquitetônico da Pampulha, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, e também, do Edifício sede do Ministério da Educação do Rio de Janeiro projetado por Lúcio Costa e equipe (DINIZ; MENESES, 2020, no prelo).

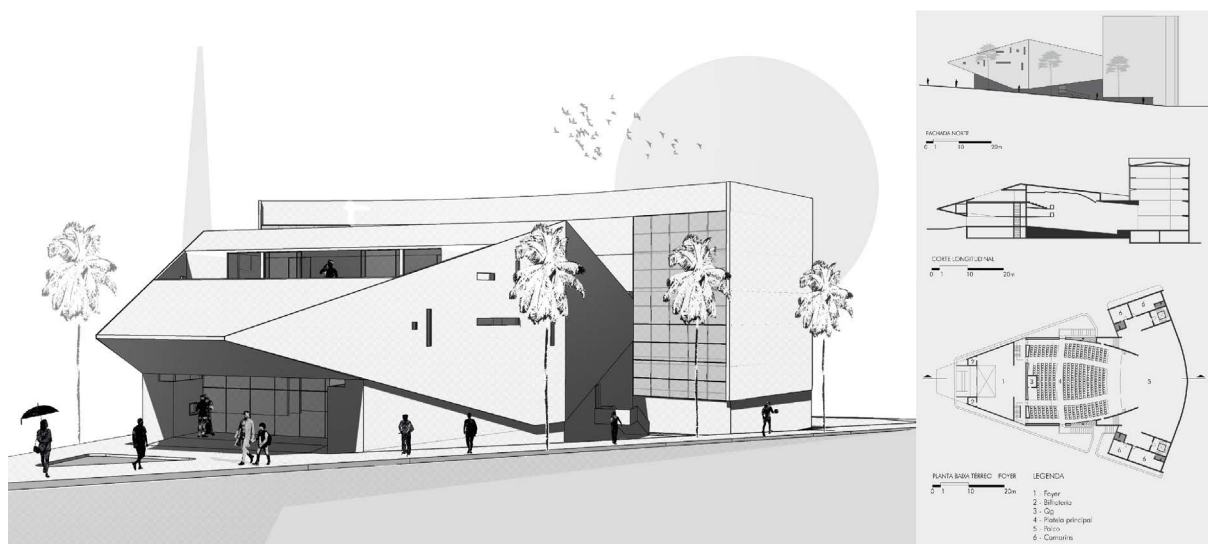
22

Na década de 50, com quinze anos de idade, Geraldino efetiva seu contato com a arquitetura através da colaboração com o escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa. Trabalhou também para o construtor José Honorato Filho e outros profissionais, sendo também convidado para fazer parte da Construtora Honorato. Essas experiências foram de grande significância para seu desenvolvimento e aprimoramento de habilidades com desenho manual, o que reforçou a sua aptidão para atuar nesse ramo.

Suas atuações nos anos 60, foram fundamentais em seu impulsionamento para o mercado como profissional autodidata. Em 1960, assume o cargo de Assistente Técnico de Arquitetura e Urbanismo para a prefeitura de Campina Grande, juntamente com o engenheiro Austro França, ambos vinculados ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DPU) da cidade. Sua atuação como técnico do DPU aproximou-o do então prefeito Severino Cabral, ao qual solicitou o realização do projeto para a construção de um teatro municipal (Figura 7), em 1962, ao qual levaria o nome do então

prefeito – esta obra lhe rendeu, até os dias atuais, reconhecimento regional enquanto símbolo da arquitetura moderna campinense.

Figura 7 - Desenhos técnicos do Teatro Municipal Severino Cabral. Geraldino Duda.



Fonte: Diego Diniz. 2020.

De sua produção profissional, é importante ressaltar, que apesar do projeto do Teatro Municipal Severino Cabral ter sido sua obra de maior destaque, Geraldino foi o responsável por dezenas de projetos residenciais, que marcam fortemente a paisagem urbana de Campina Grande. (MENESES, 2017)

Ainda em 1961, Geraldino viaja para Brasília a fim de conhecer a nova sede administrativa do país e marco simbólico da instituição de uma arquitetura moderna em solo nacional. Tal visita teve grande repercussão na consolidação de um vocabulário plástico formal de Geraldino, enquanto campinense consciente das especificidades e necessidades das pequenas e médias cidades do interior do país. Essa oportunidade ainda rendeu um breve encontro com o consagrado arquiteto Oscar Niemeyer – responsável pela concepção do revolucionário projeto da nova capital do Brasil.

Através de estudos levantados pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL), que vem estudando a produção de Geraldino Duda na cidade de Campina Grande, através da investigação de seu acervo particular, o profissional foi responsável por centenas de projetos na cidade de Campina Grande. Seu repertório incluiu

obras institucionais, de serviços, comerciais, residenciais e urbanas, assinados por engenheiros e construtoras responsáveis pela execução das obras – nessa época, Geraldino não realizou a prova do CREA, que deveria ser realizada em Recife-PE, como instrumento de avaliação para a concessão de uma titulação profissional.

Na década 1970, Geraldino tirou licença do seu cargo na prefeitura para concluir o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica, em Campina Grande. Para grande emoção de Geraldino, a cerimônia de colação de grau foi celebrada no Teatro Municipal Severino Cabral. Ainda como funcionário da Prefeitura Municipal de Campina Grande, atuou como chefe do DPU, chegando ainda a ser diretor do departamento, no mandato do prefeito Willian Arruda. Sua contribuição com o urbanismo da cidade é vasta. Como exemplos podemos citar: o desenho da Praça do Trabalho; a concepção projeto Multi-Lagos (que não chegou a ser executado); o traçado urbano de várias quadras no bairro da Prata, dentre muitos outros. (DINIZ; MENESES, 2020, no prelo).

Em depoimentos a revistas da época, ele conta que no início foi difícil convencer os clientes a aceitarem projetos residenciais com linguagem moderna, porém, com persistência vários projetos foram sendo solicitados. Uma de suas residências chamou tanta atenção que chegou a ser divulgada na revista de circulação nacional *Cruzeiro*. Além desta, muitas publicações sobre este personagem foram veiculadas, em jornais, revistas locais e publicações do Teatro Municipal. (DINIZ, 2020)

Renato Azevedo (1943-1997)

Renato Aprígio Azevedo da Silva foi um arquiteto paraibano, oriundo da cidade de Campina Grande-PB, onde nasceu em 1943, e faleceu de uma embolia pulmonar no ano de 1997, aos 54 anos em Recife-PE, sua cidade de atuação. Em 1968, Renato recebe a formação em arquitetura pela Escola de Belas Artes de Pernambuco – EBAP, através de uma base de mestres/ professores modernos vigentes na Escola, tais como: Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, entre outros.

Dessa forma, a carreira profissional de Renato Azevedo possui precedências em Recife, mas prossegue, no início da década de 70, na cidade de Campina Grande,

onde passa a trabalhar para a prefeitura na gestão de Evaldo Cavalcanti Cruz, em 1973. Através dessa atuação teve forte influência no planejamento e desenvolvimento da cidade, que almejava pela modernidade vigente nos principais centros urbanos do país. (LUCAS, 2012)

Oliveira (2005) retoma uma entrevista concedida por Evaldo Cruz aos jornalistas Hermano José e José Itamar Cândido, publicada pelo Diário da Borborema em 30 de julho de 1978, afirmando que:

[...] Considero a infraestrutura urbanística imprescindível ao desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade. Não apenas construí parques destinados ao lazer da população, como abri ou deixei projetadas novas avenidas destinadas à ocupação dos espaços vazios da cidade. [...] Vocês já observaram como a cidade está crescendo nessas beneficiadas?

(DIÁRIO DA BORBOREMA, 1978).

25

Por ter uma visão progressista para a cidade de Campina Grande, Evaldo Cruz prezava por intervenções que atentassem a funcionalidade e estética da cidade. Como estratégia para solucionar os problemas de tráfego viário e adequar as conexões com os principais pontos da cidade, atribui a Renato a competência de desenvolver os projetos de reestruturação para alguns dos principais trechos viários da malha urbana, entre eles: Avenida Canal, Avenida Manoel Tavares, Urbanização do Canal do Prado e Urbanização para entorno do Açude Velho - bem paisagístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), bem como, principal cartão postal da cidade.

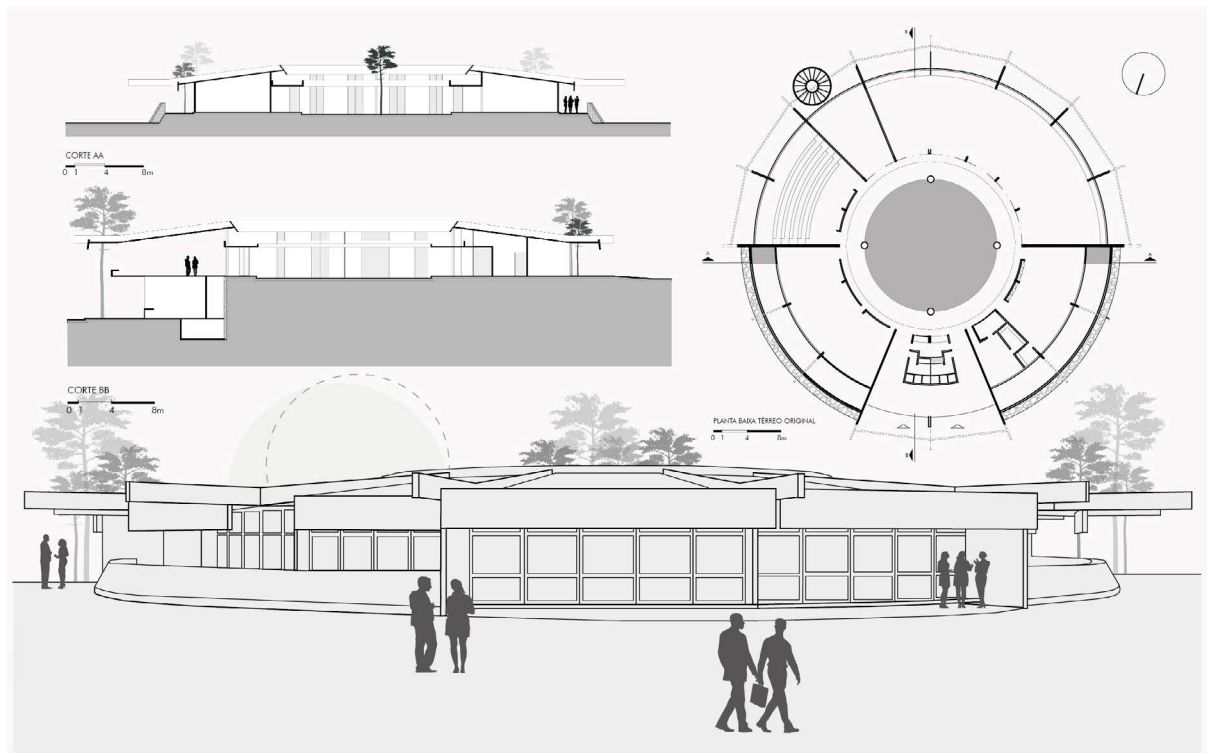
Sua atuação em projetos urbanos de média e grande escala, esteve associada ao desenvolvimento de estudos para praças e parques para a cidade. Sobre a conceitualização atribuída ao planejamento desses espaços, “tinham função de dar sentido de urbanidade ao entorno, gerando espaços não apenas de passagem, mas de socialização, como é o exemplo do calçadão entre as ruas Marquês do Herval e Venâncio Neiva, localizado no centro da cidade” (OLIVEIRA, I., 2020, no prelo).

Uma dessas experiências pode ser observada no projeto para a praça Félix Araújo, que teve como responsável técnico Renato Azevedo e o desenho urbano por Humberto Campos, com projeto cadastrado em abril de 1974. Essa praça tinha a função de separador viário, localizada entre os bairros Monte Santo, Prata e Centro, possui geometria triangular e leitura projetual semelhante a outras praças projetadas: aproveitar o espaço sombreado, das árvores de copa largas e densas, para locais de convivência comunitária.

No campo da arquitetura, recebe destaque pelo desenvolvimento de um novo edifício para o Museu de Artes Assis Chateaubriand/ MAAC (Figura 8). Renato Azevedo contou com a assessoria de Chico Pereira, professor e artista plástico - então diretor do MAAC, que colaborou na idealização do novo prédio do museu que seria para abrigar o acervo Assis Chateaubriand, recebido pela prefeitura de Campina Grande, no ano de 1967.

26

Figura 8 - Desenhos técnicos do Museu de Artes Assis Chateaubriand/ MAAC. Renato Azevedo.



Fonte: Redesenhos 2d (Maria Luiza Nicácio)/ Reconstrução 3d (Emanuel Cardins)/ Edição e ilustração (Vitória Catarine), 2020.

Segundo PEREIRA Jr (1974, p. 06), tornou-se urgente o atendimento à solicitação da construção de um novo museu de arte, visto a precariedade das condições de arquivamento das obras no edifício da antiga Cadeia Pública Municipal.

Através da inserção da proposta no PLDI - Plano Local de Desenvolvimento Integrado, o prédio foi inaugurado em 1974, o edifício foi inaugurado em 31 de janeiro de 1976, através da Campanha Nacional dos Museus Regionais (CNMR), iniciada em 1965, idealizada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, paraibano, fomentador da cultura na região nordestina.

A proposta original desenvolvida no início dos anos 70 do século XX era para abrigar o espaço de um Museu de Arte Contemporânea para a cidade - Museu de Arte Assis Chateaubriand/ MAAC - (AFONSO, 2018), contudo o uso não vingou, pois algumas soluções projetuais equivocadas, como as grandes esquadrias de vidro projetadas, não eram adequadas para o funcionamento de um Museu, pois permitiam uma entrada excessiva de luminosidade que prejudicava a conservação das peças ali expostas, sendo assim, o espaço reutilizado para abrigar a sede da Secretaria Municipal de Cultura/ SECULT.

Ao fim do mandato de Evaldo Cruz, Enivaldo Ribeiro é eleito e opta por dar continuidade ao trabalho iniciado por Renato, tal confiança é estabelecida pela credibilidade no potencial que o arquiteto demonstrara para o desenvolvimento da cidade. Assim, passa a integrar a equipe de planejamento e execução de projetos urbanos para a cidade, através do cargo de técnico da Companhia de Pró Desenvolvimento de Campina Grande/ COMDECA – deliberada como entidade governamental e transformada em uma instituição público-privada.

A cidade de Campina Grande, por volta da década de 1960 destacava-se entre as cidades contempladas para receber a aprovação de projetos oriundos da SUDENE, com projetos de implantação ou ampliação de fábricas, neste cenário a cidade recebe o Plano de Desenvolvimento Local Integrado, PDLI, destinado a cidades de médio porte, objetivando o diagnóstico, um plano de diretrizes e desenvolvimento, e um plano de ação governamental na esfera

municipal, enfatizando os aspectos físicos-territoriais e institucionais. (OLIVEIRA, M., 2005, p.11)

A implantação do PDLI de Campina Grande se deu em 1973, com o apoio da COMDECA. A equipe responsável pela consolidação das diretrizes estabelecidas pelo Plano deveria ser interdisciplinar para atender aos diferentes setores da sociedade, para isso, foram convidados administradores, advogados, arquitetos, economistas, sociólogos e paisagistas, para o planejamento e execução das metas.

Segundo dados obtidos na SEPLAN, entre os profissionais cotados para a definição dessa equipe estariam: Arimatéia Ayres, Berta Maia, Carlos Ernesto, Eliane Mara Lima, João Paulo Neto, José Reynolds C. de Melo, Maria das Graças Nunes, Paulo Landim, Vilna Serpa, Severino Leite, Zulmira Albuquerque, Welbert Pimentel, Alberto Alves de Araújo, Carlos Almeida de Lima, Carlos Ernesto, Cristovão B. Costa, Francisco de Assis C. Freire, Humberto Campos, José S. Nery, Jessier Quirino, Joseberth Araújo Cavalcanti, Natã Moraes, Paulo Cavalcanti Nóbrega, Paulo Tavares, Rosélio Bento, Williams R. de Oliveira, Wilson Camboim, entre outros.

A trajetória da COMDECA sob a administração do arquiteto, atuou fortemente no diálogo entre o planejamento da cidade vinda pelos gestores e a comunidade, entendendo que o principal objetivo era o desenvolvimento socioeconômico dessa, participando dos projetos CURA, que visava o desenvolvimento da cidade. Contudo, no início dos anos 80, Renato Azevedo foi exonerado da função de coordenador, e prontamente a equipe que o acompanhava demitiu-se em massa – acredita-se em especulações da exoneração sobre divergências políticas com o prefeito. (OLIVEIRA, I., 2020, no prelo)

Discussão

Compreender a significância do patrimônio brasileiro em suas diversas formas e épocas tornou-se um dos maiores desafios da sociedade globalizada do século XXI. As estratégias incorporadas por grande parte dos especialistas da área resumem-se em tentar preservar o antigo e discutir o novo. Esse pensamento coloca em risco todo um conjunto arquitetônico produzido nas últimas décadas, a exemplo do acervo de

obras produzidas pelos arquitetos da escola moderna.

Por se tratar de um patrimônio do século XX, seu reconhecimento e valorização tornam-se inerente a determinados grupos, tais como: Academia, órgãos preservacionistas, entre outros. Ademais, considerando a recorrente resistência na apropriação e inclusão do patrimônio art déco e eclético, em diversas médias e pequenas cidades brasileiras, tidos como bens “velhos” que atrasam e congelam a dinâmica das cidades, o patrimônio moderno traz consigo uma série de problemáticas ainda maiores, por se tratarem de imóveis “recentes” passíveis de abrigarem novos usos com maior facilidade, desencadeando descaracterizações e demolições em massa.

A discussão que se propõe ao abordar uma visão dos personagens e projetos que compõem o cenário da arquitetura moderna campinense, compreendendo da sua origem ao seu processo de consolidação, diz respeito necessidade de atenção para arquiteturas que ainda mantêm-se invisíveis perante a Academia. Além disso, a inexistência de proteções legais para esses bens imóveis interfere consideravelmente seus tempos de vidas úteis, enquanto exemplares da produção de arquitetos não somente de Campina Grande, mas de diversas cidades do Nordeste brasileiro.

A finalidade deste tema estrutura-se ainda pela necessidade em incentivar a documentação e preservação desse acervo – como atividades prioritárias por centros de ensino, pesquisadores, especialistas, arquitetos, engenheiros e órgãos preservacionistas nas mais diversas escalas de estudo; enquanto exercício de resgate da modernidade arquitetônica abrangendo todo o território nacional e suas especificidades.

Considerações finais

A temática preservacionista nos pequenos e médios centros urbanos corroboram para um processo de afirmação de uma arquitetura “específica”, produzida por arquitetos locais e regionais (ALMEIDA, 2007). Com isso, a disseminação da discussão do “pequeno patrimônio” (CARRIÓN, 2000), torna-se ainda mais evidente, na medida em que são produzidas em determinados contextos e, portanto, não representam a

coletividade. Contudo, a preservação das técnicas e critérios, utilizadas por estes(as) arquitetos(as), que tentaram adaptar os princípios projetuais da modernidade arquitetônica a cada especificidade local e que tiveram como produto, edifícios racionais e adaptáveis ao lugar, necessitam ser vistos como objetos de discussões na preservação da memória coletiva e cultural.

Os resultados obtidos podem contribuir ainda com a difusão de métodos de redesenho para documentação, esse processo é de suma importância, pois através dele entende-se as soluções técnico-construtivas empregadas no projeto. Esse entendimento contribui para a formação de futuros arquitetos que projetem com critérios de modernidade, e que pela compreensão, resgatam e reutilizam essas técnicas para a contemporaneidade.

A própria documentação atualizada para novas tecnologias pode contribuir para a preservação cultural de edifícios de importante valor cultural, além de diversas aplicações na educação patrimonial. No atual cenário de desarticulação entre as esferas municipal, estadual e federal para a salvaguarda do patrimônio, que culmina na demolição de exemplares modernos que não recebem a devida proteção e nos arquivos esquecidos pelo poder público, o uso de novas tecnologias demonstram potencialidades no resgate da produção moderna.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. **Entrevista** realizada com o Sr. Alcides Albuquerque do Ó. Campina Grande: maio de 2020.

_____. **La Consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50.** 752f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Projetos Arquitetônicos. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2006.

AFONSO, A. *et al.* **Observações sobre as patologias do patrimônio arquitetônico moderno:** análise e reflexão da preservação em obra moderna de Campina Grande, Paraíba. ICOMOS Brasil. 2º Simpósio científico. 2018.

AFONSO, A.; MEIRA, R. A obra de Hugo Marques no centro histórico de Campina Grande, PB. 1957-1963. **XI Seminário Docomomo Brasil.** Recife: 2016.

AFONSO, A.; MENESES, C. A Influência da escola do Recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970. Belo Horizonte: **Anais do 4º Seminário Ibero americano de Arquitetura e Documentação.** 2015.

ALMEIDA, A. **Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960 – 1969).** Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

_____. **Modernização e modernidade:** uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970). Dissertação (Mestrado) – Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

AMORIM, L. **Documento Heitor Maia Neto.** AU (Arquitetura e Urbanismo), São Paulo, n. 5, p. 79-85. 2002.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno**. Guia de Arquitetura. 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2001.

CARRIÓN, F. M. Vinte temas sobre os centros históricos na América Latina. In: **Gestão Del Patrimônio Cultural Integrado**, Vol. 1 Iss. Gestão Del Patrimônio Cultural Integrado. 2000.

COSTA, L. **Registro de uma Vivência**. São Paulo: Empresa das Artes. 1995.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Entrevista concedida pelo prefeito de Campina Grande, Evaldo Cruz, aos jornalistas Hermano José e José Itamar Cândido, publicada pelo **Jornal Diário da Borborema**, Campina Grande: 30 de julho de 1978.

DINIZ, D. **Intervenção arqui(tectônica)**. Estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande-PB. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

DINIZ, D.; MENESES, C. Dados biográficos de Geraldino Duda. In: AFONSO, A. (Org). **Campina Grande Moderna**, Campina Grande-PB. 2020. (no prelo)

FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2015.

GARCIA, M. **A prata que vale ouro: A casa moderna da década de 60**. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.

GASTÓN, C.; ROVIRA, T. **El proyecto Moderno: Pautas de Investigación**. Barcelona: Ediciones UPC. 2007.

GROPIUS, W. **Bauhaus: Nova arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1997.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: editora Perspectiva. 6ª. Edição. 2000.

LIMA, E. **Modulando**. Notas e comentários Arquitetura e Urbanismo. Recife: Prefeitura da cidade do Recife/ Secretaria de Educação e Cultura/ Fundação de Cultura Cidade do Recife. 1985.

MENESES, C. **As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 1960**. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

MONTANER, J. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili. 2002.

OLIVEIRA, I. Dados biográficos de Renato Azevedo. In: AFONSO, A. (Org). **Campina Grande Moderna**, Campina Grande-PB. 2020. (no prelo)

OLIVEIRA, M. J. S. **Do discurso dos planos ao plano de discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande, 1970- 1976**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

PEREIRA, I. **Tertuliano Dionísio: A produção moderna do “Arquiteto do Centenário” em Campina Grande-PB**. Anais do 6º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, MG. 2019.

PEREIRA Jr. F. **Ação cultural de edificações urbanas no programa trienal 1974/1976**. Campina Grande, MAPE - Museu de Artes Plásticas da Universidade Regional do Nordeste, 1974.

PIÑON, H. **Curso Básico de proyectos**. Barcelona: ediciones UPC. 1998.

_____. **Teoria do Projeto**. Traduzido por Edson Mahfuz. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto. 2006.

QUEIROZ, M.; ROCHA, F. **Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950**. 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste, Recife, 2006.

RIBEIRO, R. **A faculdade que forja memórias: o papel da Escola Politécnica da Paraíba na formação de uma memória de Campina Grande (1952-1958)**. Fortaleza: XVI Encontro Estadual de História do Ceará. 2018. Em rede: http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/298-31620-05052017-015145.pdf. Acesso em: 19 de jun. 2020.

SEGAWA, H. **Arquitetura do Brasil. 1900-1990**. São Paulo: EDUSP.1997.

TINEM, N e COTRIM, M (org). **Na urdidura da modernidade**. Arquitetura Moderna na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

TORRES, J. V. **Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como polo tecnológico (1952-1973)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2005.

34

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 02/09/2020

APROVADO EM: 02/10/2020

PUBLICADO EM: 30/10/2020